

CONVERSAS COM O RIO DOCE

Maria Celeste Reis F. de Souza
Thiago Martins Santos
Renata Bernardes Faria Campos
Eliene Nery Santana Enes
(Organizadores)

caderno
temático **11**

CONVERSAS ENTRE O RIO DOCE E AS CRIANÇAS NA ESCOLA

Karla Nascimento de Almeida
Valdicélio Martins dos Santos
Alessandra Amaral Ferreira
Elizabeth Aparecida de Carvalho
Imoyra Rodrigues dos Santos



memorial descritivo da capa

Título: Rio Doce I, II e III (tríptico)

Ano: 2015

Artista: Edileila Portes*

Técnica: Gouache s/papel fabriano

Dimensões: 0,45cm x 1,80cm

A obra faz parte de uma trilogia (“Rio Doce I, II e III”; “Figueira I, II e III” e “Ibituruna I, II e III”) concebida por ocasião do desmoronamento da barragem da Samarco, na cidade de Mariana, Minas Gerais, Brasil, em novembro de 2015. Dei à série o título “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce” fazendo referência aos sentimentos pelos quais nós, os atingidos/moradores do Vale do Rio Doce, passamos diante dessa tragédia, numa denúncia poética, expressão permitida pela Arte. Objetiva, também, fazer uma homenagem ao Vale, focando os sentimentos que os moradores de Governador Valadares - cidade onde moro atualmente - possuem, representados metaforicamente nos símbolos presentes na obra e que são carregados de sentidos: o Rio Doce, a Figueira e a Ibituruna.

Como professora, pesquisadora e artista visual busco com a obra, portanto, homenagear o Vale, sensibilizar os moradores e, ao mesmo tempo, compartilhar os sentimentos vivenciados a partir do ocorrido, principalmente pelos Borum do Watu, sociedade nativa que vive num território situado às margens do rio Doce, próximo a cidade de Resplendor, MG e que vivencia de forma material e simbólica o rio Doce, o Watu para os Borum. Expresso no “Rio Doce I” um rio que ainda exala vida, representada nas cores fortes e na presença dos peixes, que também carregam esta simbologia. Imagem vívida, ainda, na memória dos Borum, segundo relato colhido durante uma pesquisa etnográfica que fiz no território Krenak. No “Rio Doce II”, concebida na noite do desmoronamento, trago a minha angústia diante da notícia que se espalhou de forma contundente: a lama tóxica chega aos borbotões como “chamas de um dragão”, enquanto os peixes tentam “correr para o mar, em vão”. No “Rio Doce III”, o rio muda de cor. Torna-se rubro como a lama que chega: é a hora da sua partida e da morte dos peixes, que emergem agonizantes. Ao fundo das três obras, sob o olhar impotente da Ibituruna, a Vida se esvai. Aqui, justifico o título “Rasgos na Alma” uma vez que essa tragédia não rasgou o Vale só no sentido material, mas a Alma dos entes e seres que nele habitam. O tríptico “Rio Doce I, II e III” ilustra, juntamente com os outros dois trabalhos já referidos, um livro que leva o mesmo título: “Rasgos na Alma: ode ao Vale do Rio Doce”. Trata-se de um poema

* Possui graduação em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Folclore e Cultura Popular e Mestrado em Gestão Integrada do Território. É Membro Efetivo (Pesquisador) da Comissão Mineira de Folclore (2005) e do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri (2019). Atuou como professora assistente da Universidade Vale do Rio Doce de 2002 a 2017. Gere o espaço cultural Ateliê Edileila Portes desde 2014, prestando assessoria e consultoria em Arte e Cultura. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais, atuando principalmente nas seguintes áreas: desenho, composição e plástica, percepção visual, história da arte, arquitetura e urbanismo, teoria do urbanismo, cultura, folclore, identidade, território e territorialidades.



ilustrado, editado pela Editora Atafona, de Belo Horizonte, com a coedição do Ateliê Edileila Portes, do qual sou gestora e tem o apoio cultural da Comissão Mineira de Folclore, onde sou membra efetiva pesquisadora. O conjunto da obra objetiva propor reflexões sobre o tema, que acreditamos pertinente diante da crise ambiental vivenciada no Brasil e no mundo. Desde a sua edição, em novembro de 2017, até o momento, o livro e as obras que o ilustram participaram de um vasto circuito de exposições e lançamentos - da Universidade de Framingham, nos Estados Unidos até livrarias em Belo Horizonte, Governador Valadares e São Paulo. Ongs, Institutos, Escolas, Universidades, Fórum Social Mundial, em Salvador, Feiras internacionais do livro - São Paulo e Buenos Aires - também fizeram parte do circuito. Em abril de 2018, o livro ilustrado foi contemplado com o selo de “Altamente Recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

projeto gráfico, muito além da diagramação

O projeto gráfico elaborado pela Tuia Comunicação para a coleção Conversas com o rio Doce considerou seu uso como ferramenta de aprendizado, ensino e também de pesquisa.

Pensando na unidade visual, as obras da artista Edileila Portes da capa, foram o ponto de partida para criar esse ambiente. As cores foram extraídas das telas. Os elementos gráficos em destaque no rodapé, e também em alguns tópicos, remetem às ondas ou movimentos das águas do rio Doce.

A proporção das páginas, o tamanho das fontes utilizadas no texto, bem como a cor, tanto facilita a leitura em meios eletrônicos como a impressão, visto que o formato da página (folha A4) é comum em impressoras e fotocopiadoras pequenas, presentes na maioria das escolas. E, sendo nesse formato, sua encadernação torna-se mais prática para ser utilizada em rodas de conversas e distribuídos entre alunos.

A disposição do texto foi pensada de uma forma fluida, remetendo às curvas do percurso do rio Doce. Com os recuos de texto e imagens, criam-se também espaços para anotações complementares de professores e alunos.

Esse projeto aproxima a forma da diagramação do conteúdo dos Cadernos Temáticos com a intenção de trazer uma experiência de leitura e aprendizado mais agradáveis.



Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 dos autores

Esta coleção foi editorada com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Chamada Universal MCTI/CNPq, edital nº 01/2016, e com auxílio financeiro da Fundação Percival Farquhar, entidade mantenedora da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Venda proibida.

C766c Almeida, Karla Nascimento de
Conversas entre o rio Doce e as crianças na escola [livro eletrônico] : caderno temático 11 / Karla Nascimento de Almeida, Valdicélio Martins dos Santos, Alessandra Amaral Ferreira, Elizabete Aparecida de Carvalho e Imoyra Rodrigues dos Santos; organização Maria Celeste Reis Fernandes de Souza et al. – Governador Valadares, MG: Univale Editora, 2021.

30 p. : il., color. – (Conversas com o Rio Doce; 11)

Projeto: Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral

ISBN 978-65-87227-25-2 (on-line).

1. Rio Doce – Minas Gerais – História. 2. Barragem de minério – Desastres ambientais. I. Título. II. Série.

CDD 981.51

PROJETO GRÁFICO
Tuia Comunicação
tuiacomunicacao@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

REVISÃO
Elizabete Aparecida de Carvalho

CONTATO
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)
territorio@univale.br



Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloqüência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muitas águas em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra, 1996).



apresentação

Apresentação	7
Um Dedo de Prosa	11
Abrindo a Prosa	12
No Fio da Prosa	13
Outras Prosas	26
Amarrando a Prosa.....	28
Referências	29
Sobre os Autores	30



apresentação

Caro (a) Leitor (a),

Este caderno é parte da coletânea “Conversas com o rio Doce”, e esperamos que ele possa render boas conversas para diferentes pessoas e grupos que tenham como propósito compartilhar aprendizagens e saberes sobre o rio e com o rio.

A elaboração deste material é fruto do projeto “Relação com o saber e Educação Ambiental: uma pesquisa com estudantes em tempo integral”**, que tomou o rio Doce como objeto de saber. Os (as) estudantes que participaram da pesquisa trouxeram um mosaico de saberes e manifestaram diferentes desejos de aprendizagem sobre esse rio, antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, localizada no município de Mariana, na Região Central de Minas Gerais.

Como moradores de Governador Valadares, cidade mineira localizada às margens do rio Doce, e vivendo os processos desencadeados pelo rompimento da barragem de Fundão, cujos rejeitos de minério atingiram toda a bacia, constatamos que os desejos de aprendizagem dos (as) estudantes ecoavam os nossos desejos e inquietações e, de certo modo, da população valadarenses e de outros grupos e populações que vivem ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

Em um outro movimento de pesquisa, que se propõe a “cartografar territórios educativos em bairros de Governador Valadares***”, passamos também a compreender o rio Doce como um território educativo. É um rio que nos ensina pelas memórias, pelas relações ecológicas, pelos posicionamentos cidadãos aos quais somos convocados em sua defesa, de modo particular no cenário do rompimento da barragem de Fundão.

Assim, esta coletânea pretende contribuir para que o rio Doce se torne parte de uma prosa educativa que propicie aprendizagens e que se alie a outras vozes, ecoando a denúncia sobre esse desastre, em pleno curso, e suas consequências ambientais e sociais.

A coletânea é um exercício interdisciplinar que contou, em sua elaboração, com os fios da escrita de pessoas ligadas à Agroecologia, às Artes, à Biologia, à Comunicação, ao Direito, à Engenharia, à História, à Matemática, à Psicologia, à Pedagogia, à Química... porque “um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez”, como lembra o poeta João Cabral de Melo Neto. E é justamente devido à di-



Abarragem, de responsabilidade da mineradora Samarco/Vale-BHP, rompeu-se no dia 5 de novembro de 2015, despejando aproximadamente 55.000.000m³ de rejeitos de minério na calha do rio Doce, que se espalharam por cerca de 600 km do rio, até chegarem ao litoral do Espírito Santo.

** Apoio: CNPq (Universal 2016/1); UNIVALE; FAPEMIG.

*** Apoio: FAPEMIG (Universal 2018); UNIVALE.



versidade de olhares que, nos diferentes cadernos desta coleção, os (as) autores (as) usam termos distintos para se referirem ao rompimento da barragem e suas consequências, quais sejam desastre, crime, tragédia, desastre-crime, desastre sociotécnico, desastre socioambiental. Esse grupo plural se une em defesa do rio Doce, do seu ecossistema e das populações atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Cadernos Temáticos

1. Histórias do rio Doce

Haruf Salmen Espíndola.

2. Histórias antigas do rio Doce

Haruf Salmen Espíndola.

3. Memórias do rio Doce

Patrícia Falco Genovez

José Luiz Cazarotto

4. Rio Doce: nos fios da arte e da memória

Eliene Nery Santana Enes

João Marcos Parreira Mendonça

5. Comunidades tradicionais no médio rio Doce

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Bianca de Jesus Souza

João Vitor de Freitas Moreira

6. Áreas Protegidas e Unidades de Conservação

Guilherme Antunes de Souza

Fernanda Morozesky Geber

Renata Bernardes Faria Campos

Nájela Priscila dos Santos Moreira

7. Matas ciliares da bacia do rio Doce: impactos do rompimento da barragem de Fundão

Maria Fernanda Brito de Almeida

Renata Bernardes Faria Campos

8. Peixes da bacia do rio Doce: diversidade e principais ameaças

Eunice Maria Nazareth Nonato

Renata Bernardes Faria Campos

Jacqueline Martins de Carvalho Vasconcelos



9. Conversas sobre reparação de direitos no rompimento da barragem da Samarco

Lissandra Lopes Coelho Rocha
Diego Jeangregório Martins Guimarães
lesmy Elisa Gomes Mifarreg

10. Conversas na escola sobre a qualidade da água do rio Doce

Thiago Martins Santos
Ana Luiza de Quadros

11. Conversas entre o rio Doce e as crianças na escola

Karla Nascimento de Almeida
Valdicélio Martins dos Santos
Alessandra Amaral Ferreira
Elizabeth Aparecida de Carvalho
Imoyra Rodrigues dos Santos

12. Conversas entre o rio Doce, adolescentes e jovens na escola

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Karla Nascimento de Almeida
Gilda Melo Marques
Edmara Carvalho Novaes

13. Conversas na universidade sobre o desastre da Samarco

Thiago Martins Santos
Maria Gabriela Parenti Bicalho
Wildma Mesquita Silva

Reconhecemos que as conversas com o rio Doce que estabelecemos neste material são a continuidade de tantas outras conversas tecidas no cotidiano por diferentes pessoas, grupos e nas pesquisas. Desejamos que você viva a experiência da leitura e que seja provocado a relembrar suas conversas com o rio Doce e iniciar outras.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Thiago Martins Santos

Renata Bernardes Faria Campos

Eliene Nery Santana Enes

(Organizadores)



APOIO

ANA – Agência Nacional de Águas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

OBIT – Observatório Interdisciplinar do Território – UNIVALE

LAD – Laboratório de Didática – Pedagogia /UNIVALE

NIESD – Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE

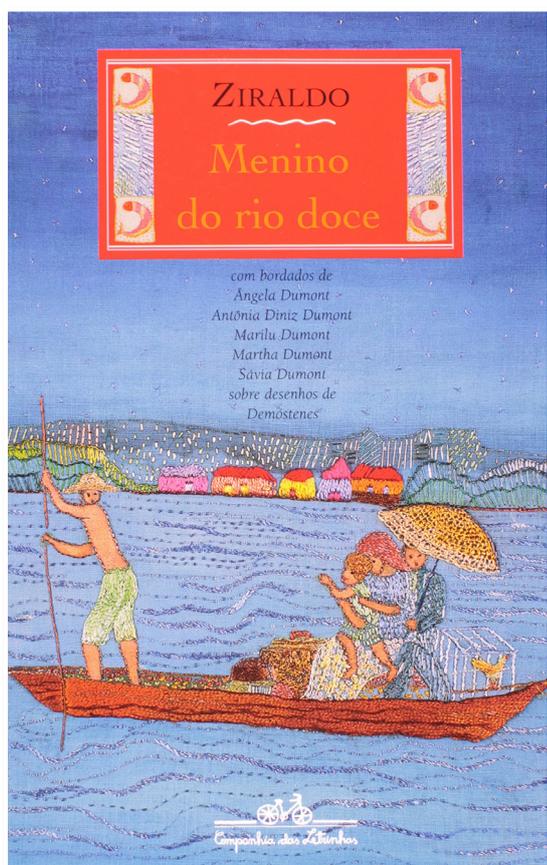
AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares a autorização para realizar a pesquisa e a abertura para o desenvolvimento de atividades formativas em Educação Ambiental.

Gratidão e reconhecimento pelo trabalho aos bolsistas de Iniciação Científica da UNIVALE que contribuíram com a primeira pesquisa citada: Giovanni Tavares Neves (Engenharia Civil e Ambiental); Isabela Neto da Silva Paes (Engenharia Civil e Ambiental); Keren Christine Marques Cupertino (Pedagogia); e Rodrigo Felix Ferreira Rezende (Psicologia).



um dedo de prosa



“O menino tinha certeza de que havia nascido no dia em que viu o rio. Na sua memória, não havia nada antes daquele dia. O menino amou o rio pois acreditou que o rio também havia nascido no dia em que ele o viu”. (Ziraldo)

O fragmento poético da obra “Menino do rio doce”, do Ziraldo, escritor e cartunista mineiro, foi escolhido para ditar o rumo da prosa que irá compor nosso caderno temático. Na correnteza de afetos que nos evoca essa imagem poética, unindo menino e rio, convidamos você a mergulhar no universo fluido das infâncias e nas suas múltiplas interações com humanos e não humanos na tessitura do seu viver.

Em nossas andanças como profissionais da educação das infâncias temos presenciado nas escolas e em nosso cotidiano, em geral, as interações das crianças com o meio ambiente e suas *conversas* com a arte, o corpo, o rio, com a Ibituruna, com a cidade de Governador Valadares. Dessas andanças colhemos práticas vivenciadas ou acompanhadas por nós e as compartilhamos com você. Convivendo com as crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental nos aventuramos, também, a tecer, neste caderno, possibilidades de articulação entre o brincar, a arte, a literatura e o ambiente.

Este caderno apresenta, portanto, algumas conversas das crianças com o meio ambiente, na escola e em seus cotidianos não-escolares, fazendo emergir fios de possibilidades para a tessitura da prosa, considerando a escuta e o diálogo com as crianças como protagonistas de suas histórias.



Sinta-se imerso(a) em fruições e encantamentos que as crianças nos provocam em seus cotidianos marcados pelo seu modo peculiar de ser e estar no mundo.

Vamos tecer juntos(as)?!

abrindo a prosa

Inicialmente, é preciso destacar alguns fios importantes para tecer a nossa prosa: a concepção de criança que direciona nosso olhar para as infâncias e o brincar como constitutivo das infâncias. Esses dois fios nos ajudam a refletir sobre as possibilidades de conversas com o meio ambiente que podem ser travadas com as crianças.

Assumimos neste caderno a concepção de criança como sujeito histórico e de direitos, que vivencia múltiplas interações em seu cotidiano, construindo sua identidade junto aos seus pares como sujeito que “brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, sendo capaz de produzir cultura” (BRASIL, 2010, p. 12).

Nos estudos e debates mais recentes, no campo da educação, as crianças são reconhecidas como produtoras de cultura e “não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais” (COR-SARO, 2011, p. 32).

Desse modo as crianças conversam, participam, aprendem, se relacionam com o mundo a sua volta e, portanto, vivenciam de um modo próprio as relações com o meio ambiente. Como sujeito as crianças vivenciam experiências de pertencimento social e cultural na comunidade onde moram, na escola, na cidade, no campo, enfim onde quer que estejam inseridas. Elas conversam com a natureza (rio, fauna, flora) por meio de algumas possibilidades que lhes são oferecidas, tais como: brincadeiras, desenhos, rodas de conversas, passeios de observação e outras atividades que são apontadas por elas mesmas.

Reconhecemos que é preciso oferecer possibilidades para que as crianças exerçam seu protagonismo e se expressem nas interações que estabelecem consigo, com os outros e com o mundo. Esse reconhecimento também se aplica ao esforço de se educar ambientalmente as crianças, e aqui destacamos a escola, como nos orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012) que mais do que um documento legal nos ajudam a reconhecer a Educação Ambiental (EA) como uma dimensão da educação. Implicada com a formação da pessoa humana as diretrizes destacam que a EA deve “imprimir ao desenvolvimento social individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental” (BRASIL, 2020, p. 2).



Recolhemos dessas diretrizes uma das orientações que exploramos neste caderno ao pensar nas crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental: “o estímulo a vivências que promovam o reconhecimento, o respeito, a responsabilidade e o convívio cuidadoso com os seres vivos e seu habitat” (BRASIL, 2002, p.5).

Aos fios da criança como protagonista e produtora de cultura, do brincar como constitutivo das infâncias, aliamos o desafio da EA. Unindo esses fios, compartilhamos com você experiências e possibilidades para que as crianças possam travar ricas conversas com o ambiente e com o rio Doce.

no fio da prosa

EXPLORANDO TRAJETOS COM AS CRIANÇAS, CONSTRUINDO CARTOGRAFIAS

Andar pela cidade com as crianças é uma experiência cartográfica inspirada em Michel de Certeau (2013). Esse pensador nos ajuda a refletir sobre o modo como as crianças praticam a cidade, e é possível com elas promover andanças, inventar itinerários, captar seus olhares, recriar espaços, traçando cartografias em processo, construindo mapas em movimento.

Nosso primeiro relato é com crianças de 5 anos que vivenciaram o projeto “Conhecendo Minha Cidade” em uma escola infantil da rede municipal de ensino de Governador Valadares. Em um primeiro movimento as crianças saíram do bairro, de ônibus escolar, em direção a Feira da Paz, que é uma área pública no centro da cidade, localizada às margens do rio Doce, com vistas para o Pico da Ibituruna. Tradicionalmente recebe manifestações populares, eventos culturais, e é local de pouso de pilotos de voo livre que saltam do Pico. As crianças se apropriaram da Feira da Paz com suas brincadeiras e observações sobre o espaço vivenciado, o rio Doce, e a Ibituruna.¹

No retorno à escola as vivências foram relatadas em rodas de conversa e registradas em desenhos. Sobressaem nos desenhos o pico da Ibituruna e o rio Doce, e foi possível travar conversas com o rio e sobre a importância do cuidado e preservação ambiental. Você pode conferir um pouco do processo e resultado dessa atividade nas figuras a seguir:

1 O Pico da Ibituruna é um maciço rochoso com altitude de 1.123 metros do nível do mar e 990 metros do nível do rio Doce. É constituído por uma Área de Proteção Ambiental – APA e conhecido mundialmente como plataforma mundial do voo livre. Considerado como um Geossímbolo, um marco espacial, cartão postal da cidade. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoAtrativoDetalhe.aspx?cod_destino=53&cod_atrativo=1178. Acesso em: 10 Fev 2021.





Figura 1: Crianças pintando o painel com o Ibituruna e o rio Doce. Fonte: Arquivo de uma das autoras (2014)



Figura 2: Ibituruna e rio Doce pintados pelas crianças. Fonte: Arquivo de uma das autoras (2014)

Outra experiência cartográfica foi vivenciada em uma escola da rede pública e teve como lócus o bairro. Com a construção de um residencial popular em um bairro periférico (o bairro Vitória), a escola recebeu em 2014, aproximadamente 100 crianças, de 4 e 5 anos de idade. Nas rodas de conversa em uma das turmas de 5 anos, que recebeu 9 crianças, a prosa girava em torno da casa nova e assim, a escuta atenta da professora se transformou no projeto didático: “Minha casa, minha história”.

As crianças ficaram curiosas em conhecer o “novo bairro” dos colegas e as casas. Assim, desenhou-se o trajeto, que foi feito a pé com as crianças, como caminhantes,



indicando os caminhos e os atalhos para o bairro. Ao chegar no bairro foram feitas andanças diversas e visita a casas de colegas. Na roda de conversa, ao retornar à escola, as crianças contaram sobre suas percepções e a professora se colocou como escriba de um texto coletivo. Alguns fragmentos mostram como as crianças estão atentas ao ambiente:

Hoje a gente foi no bairro Vitória. É onde o Gustavo e outros colegas moram. As casas têm caixa d'água com aquecedor em cima e o sol que esquenta a água. (...) A gente viu as casinhas tudo igual, só que umas já tem muro, e a dona varrendo a calçada e colocando o lixo pro caminhão pegar(...) Depois a gente bebeu água no bar. Tava calor! Quase não tem árvore nenhuma lá! (Arquivo de uma das autoras)

As crianças registraram suas vivências como moradoras do bairro e suas percepções sobre o meio ambiente. Seleccionamos o desenho de uma das crianças em que ela expressa como o bairro seria melhor se tivesse mais árvores plantadas.



FIGURA 3: O bairro desejado pelas crianças. Fonte: Arquivo de uma das autoras (2014)

A partir desses relatos, consideramos as caminhadas com as crianças uma fonte potente para cartografar sentidos, percepções, sentimentos e interações das crianças com o lugar. Explorando trajetos as crianças têm a oportunidade de mostrar o que já conhecem, colocando-se como guias para os pares, crianças e adultos, protagonizando as falas, contando suas histórias, fazendo emergir sentimentos de pertencimento, de vínculo com o lugar vivido.

Aprendemos com o geógrafo Yi Fu Tuan que experienciamos os lugares e podemos sentir o ambiente, apreciando-o, mas também podemos desenvolver atitudes e valores ambientais. Esse pensador nos provoca a refletir que no exercício cartográfico



das andanças pelos lugares, somos convocados, juntamente com as crianças, a prestar atenção ao meio ambiente e com ele podemos estabelecer relações de afeto, denominadas “topofílicas” (TUAN, 2012) que podem resultar em maior cuidado ambiental. As duas vivências relatadas foram trazidas intencionalmente por serem anteriores ao rompimento da barragem de Fundão, e é possível identificar laços ambientais de afeto e valoração do ambiente e do rio. Mais adiante relataremos outras vivências que mostram outros sentimentos.

NOS FIOS DA ARTE – TECENDO COM A NATUREZA

E o menino fazia prodígios, até fez uma pedra virar flor.
Manoel de Barros

A epígrafe que abre o relato desta atividade nos remete à arte e às infâncias: à arte como expressão de vida que brota na interação do sujeito com o meio e às infâncias pelo protagonismo das crianças em seu modo de pensar, agir, sentir, perceber e explorar o mundo de forma singular, transformando espaços com imaginação e criatividade.... ou seja, fazendo prodígios!

Na educação das infâncias, precisamos abrir mão de uma arte utilitarista, fazer por fazer, e nos aventurar em possibilidades criativas. A partir da premissa, de que a criança é ator social ativo nos processos educativos, que propomos a exploração da natureza e do meio ambiente como possibilidade criativa de modo a estimular imaginação, percepções, sentidos e valoração ambiental.

Diversos autores apresentam possibilidades de experienciar arte com as crianças, como é o caso de Loris Malaguzzi, criador do atelierismo, como forma de desenvolver as capacidades criadoras das crianças. O educador italiano, fundador da abordagem Reggio Emília, aborda a arte como forma de comunicação, intensificando o protagonismo das crianças e suas múltiplas formas de expressão, como reforçado no poema “As cem linguagens das crianças”² (GANDINI, 2012).

No ateliê a criança encontrará objetos diversos, materiais como tinta, papéis, cola entre outros, podendo também recolher no pátio da escola ou trazer de casa, elementos naturais que irão compor sua produção. Deste movimento surgirão inúmeras possibilidades advindas da imaginação e criação.

Lembrando das recomendações das Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental, refletimos sobre a possibilidade de unir arte e ambiente, explorando vivências com as crianças que promovam o convívio com os pares, com os seres vivos e com o habitat. Narramos uma das vivências com crianças de 5 anos, de uma escola da rede privada, composta por 12 meninos e 8 meninas e que foram acompanhadas por uma das autoras, estudante de graduação em seu Trabalho de Conclusão de Curso, no ano de 2020.

2 Para conhecer mais sobre o educador Loris Malaguzzi e a abordagem pedagógica de Reggio Emilia, acesse: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/reggio-emilia-escolas-feitas-por-professores-alunos-familiares/>. Acesso em: 10 Fev 2021.



As crianças exploraram o meio ambiente por meio de uma situação problema levantada por uma delas:

Uma das crianças da turma chegou afoita na escola contando que havia encontrado uma cobra coral na porta do prédio onde morava. Disse que o avô a matou e colocou em um vidro com álcool. A criança levou a cobra e mostrou a turma, o que gerou muita curiosidade em todos (as) (Registro do diário de campo).

O relato acima confirma a curiosidade infantil acerca do mundo natural. Uma das crianças propôs que fizessem uma cobra de “mentirinha” e a partir de então, as crianças pesquisaram sobre as cobras corais e seu habitat natural.

No espaço do ateliê os materiais estavam disponíveis e ao alcance das crianças de forma que algumas crianças utilizaram desses materiais e outras preferiram pegar galhos de árvores no pátio, encontrados pelo chão. Na figura a seguir as crianças aparecem construindo as cobras com rolinhos de papel higiênico.



Figura 4: Brincando no ateliê. Fonte: Arquivo de uma das autoras (2020)

Ao final de uma semana, explorando o tema “cobras corais”, as crianças propuseram uma exposição no pátio da escola, em um painel com suas produções. Apareceram cobras de todos os tipos, mas o que nos chamou a atenção foram as cores e formas, semelhantes ao animal pesquisado, que as crianças usaram nas obras de artes produzidas.





Figura 5: Mural das artes. Fonte: Arquivo de uma das autoras (2020)

Destacamos que é possível educar ambientalmente pela arte, por sua liberdade de imaginação e criatividade, pelo olhar sensível e atento ao ambiente, pela exploração provocadora de curiosidade e sensibilidades ambientais. De experiências cotidianas, nesse caso de uma cobra que chegou à porta de um prédio e foi para a escola, em um vidro, é possível estabelecer diálogo da arte com o ambiente.

CESTO DE TESOUROS: PROVOCANDO INTERAÇÕES COM A NATUREZA.

A arte é, também, uma forma da criança brincar com as cores, sons, gestos, movimentos, sabores, corpo e natureza. Outra possibilidade que identificamos na literatura sobre crianças são as brincadeiras heurísticas que contribuem para desencadear potencialidades criativas do pensamento, das emoções e sensações das crianças pequenas por meio de explorações e descobertas e são apresentadas aqui como possibilidades para ampliar o brincar das crianças e explorar a sua relação com a natureza.

O brincar heurístico pode ser compreendido como brincadeiras que envolvam a exploração e curiosidade dos pequenos com o foco na arte e no brincar, na descoberta e também na manipulação de objetos não estruturados que permitem maior liberdade de criação infantil.

Tanto o ateliê, quanto o brincar heurístico são possibilidades para potencializar a imaginação, criatividade, descobertas e inventividade das crianças. Por meio do brincar, as crianças ampliam seu repertório a partir de objetos industrializados e/ou disponíveis na natureza, recriando-os e reinventando-os a partir de sua imaginação. O que difere uma proposta da outra é que o brincar heurístico está mais voltado para crianças pequenas, enquanto o ateliê é um espaço voltado para crianças de todas as idades.



Elionor Goldschmied e Sônia Jackson elaboraram algumas abordagens sobre o brincar heurístico que foram divulgadas principalmente a partir da obra “Educação de 0 a 3 anos: o Atendimento em Creche” (2006). Segundo as autoras, o brincar heurístico oferece a um grupo de crianças uma grande quantidade de objetos para que elas brinquem livremente sem a intervenção dos adultos.

Para a realização das brincadeiras heurísticas é necessário que o adulto proporcione as crianças uma variedade de objetos que atenda a diferentes interesses, amplie as possibilidades de escolha e a tomada de decisão e estimule todos os seus sentidos, tato, paladar, olfato, audição e visão.

Os brinquedos heurísticos, diferente dos industrializados, nunca acabam pela criatividade que pode ser atribuída pelas crianças aos diversos objetos cotidianos. Um novelo de linha usado, aparentemente sem utilidade, pode ser um binóculo, amanhã poderá se tornar peças de um castelo, mas nunca apenas um novelo vazio de linha. A criança transforma os objetos comuns de seu cotidiano em brinquedos e cada criança o transforma naquilo que sua imaginação permitir.



FIGURA 6: O brincar heurístico. FONTE: Disponível em: <https://www.dgrh.unicamp.br/dedic/noticias/brincar-heuristico>. Acesso em: 22 Abril 2021.

Na brincadeira heurística a criança fica à vontade para escolher seus materiais: chaves, panelas, folhas, terra, areia, tecido e até mesmo criar brincadeiras e situações com os próprios alimentos, por meio de objetos do cotidiano que podem ser encontrados em casa, no quintal, nos pátios das escolas, na rua etc. Nessa perspectiva Glodshmied e Jackson (2006) criam uma possibilidade para o desenvolvimento de brincadeiras heurísticas com crianças de 0 a 3 anos denominado O cesto de tesouros. Esse cesto permite que a criança explore diversos objetos contidos nele e pode ser feito pelos pais em casa e não apenas nas escolas.





FIGURA 7: Cesto dos tesouros. FONTE: Disponível em: <http://pedagogiaeinfancia.com.br/o-brincar-heuristico/>. Acesso em: 22 Abril 2021.

Os Cestos dos Tesouros consistem em cestos repletos de objetos que são colocados à disposição de crianças, de 0 a 3 anos, para que elas explorem objetos naturais livremente. Não se tratam de brinquedos comprados e industrializados, é preciso ter como foco que a criança transforma qualquer objeto em brinquedo e, sendo assim, os objetos disponibilizados se transformam em brinquedos, embora não tenham sido criados para esse fim (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2006).

Essa experiência brincante possibilita contato das crianças com elementos do mundo natural: com a terra, a água, os diferentes tamanhos e texturas de folhas e de gravetos, os sons, os cheiros, as cores – são sentidos percebidos e experimentados pelas crianças em contato com a natureza.

ARTE, CORPOREIDADE E MEIO AMBIENTE

O menino que ganhou um rio

Manoel de Barros

Minha mãe me deu um rio.

Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.

Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido.

Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura



Ou bolachinhas para me dar.
Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás de casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate.
Meu irmão ficou magoado porque ele gostava do rio igual aos outros.
A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão
Ela iria dar uma árvore para ele.
Uma que fosse coberta de pássaros.
Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao meu irmão
E achei legal.
Os pássaros ficavam durante o dia nas margens do meu rio
E de noite eles iriam dormir na árvore do meu irmão.
Meu irmão me provocava assim: a minha árvore deu flores lindas em setembro.
E o seu rio não dá flores!
Eu respondia que a árvore dele não dava piraputanga.
Era verdade, mas o que nos unia demais eram os banhos nus no rio entre pássaros.
Nesse ponto nossa vida era um afago!

Sábias palavras do autor que aqui trazemos para celebrar nosso percurso da arte e da corporeidade e explorar as vivências das infâncias com o meio ambiente. Destacamos que a arte na escola não diz respeito apenas a pinturas, esculturas e desenhos, mas ela pode ser experienciada por meio do corpo.

Quando falamos em corpo pensamos em um corpo vivo, emocionado e inteligente, humanizado; um corpo que tem histórias, que tem marcas, que tem perguntas; um corpo original, pessoal, único, de cada um, que vive diferentemente suas várias idades; um corpo que pode criar novas formas para si: mover-se, pulsar, rir, chorar, sentir, pensar, ser solidário, compartilhar, amar.

As crianças são corporeidade no ambiente: caminham, criam, brincam, dialogam com amigos imaginários, produzem culturas com seus corpos brincantes, livres para experimentar toda sua corporeidade.

Como moradores da cidade de Governador Valadares, antes do rompimento da barragem da mineradora Samarco, em 2015, podia-se ver meninos e meninas brincando a beira do rio Doce, com cautela, pois o rio, apesar de belo, tem suas artimanhas e profundidades, mas as crianças brincavam nos areais, jogavam pedras no rio para que elas patinassem em suas águas, ou simplesmente paravam para admirá-lo, era um diálogo entre a criança e o rio.

Dialogar com o rio nos faz compreender a sua importância na vida das crianças, principalmente daquelas ribeirinhas que o tem como lugar vivido e de afetos, o que nos aproxima da poesia de Manoel de Barros, que tece diálogos com o rio permeados pelo imaginário infantil.



Ao brincar no rio as crianças criam relações sensíveis em que o corpo se torna um objeto vivo no mundo como fenômeno, como expressão. Elas são corpos que sentem, que pensam e produzem suas brincadeiras em seu contato com as águas, com as árvores, com os pássaros, com a grama e com todas as possibilidades ao seu redor por meio da relação corpo/físico e mente/imaginação.

Imaginar é para todos, mas é uma artimanha da criança. Ao tramar arte, corporeidade e ambiente reconhecemos que são formas de expressão cultural das crianças, são modos de existir e experienciar o mundo.

Arte e corporeidade podem ser experienciadas na escola, o que inclui a sala de aula, o pátio, o parque, a natureza, o seu entorno. Essa compreensão não se limita a ideia que a corporeidade se expressa em espaços específicos, como quadras ou parques. O corpo da criança é vivo e por isso se expressa na música, na ginástica historiada, nos alongamentos, no amassar uma massinha ou argila, no encher balões, no arrastar carteiras, nas brincadeiras de rodas, nas corridas, no brincar de casinha, jogar bola, no faz de contas.

Cabe assim, refletir sobre as possibilidades da arte e corporeidade tecidas com o ambiente: na escuta e dança dos sons do ambiente, nas músicas do próprio corpo, no teatro, na dramatização de um poema, como o “menino do rio”, na pintura, na escultura... A figura a seguir é um exemplo das tramas entre arte, corporeidade e ambiente, em modelagem com a terra.



Figura 8: Bolinho de terra. FONTE: Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-o-brincar-natureza-estimula-desenvolvimento-criancas/>. Acesso em: 22 Abril 2021.

Fazer arte com o corpo é provocar, instigar, sentir e fruir, e é um modo de experienciar e valorar o ambiente.



Rio Doce

Quando a barragem desabou
O rio sujo de lama ficou
Quando a barragem desabou
Em profunda tristeza ele afundou.

O rio estava agora sozinho
Os pescadores não pescam mais lá
O rio que antes era cheio de peixinho
Agora está só, sem ninguém para lhe visitar.

Nós esperamos que ele fique melhor
Um rio sem lama...
Esperamos que fique assim
Temos que fazer a nossa parte
Para ajudar o rio se recuperar de verdade.

Eloá Werneck da Silveira³ (2016)

O poema que abre esta seção foi escrito por uma criança de 8 anos de idade, após o rompimento da barragem de Fundão, de uma escola privada de Governador Valadares. O jogo com as palavras, o uso de metáfora, a sensibilidade na história contada pelo olhar e pelas palavras de uma criança, mostra-nos como a literatura é potente para dar vazão às emoções e sentimentos das crianças.

Continuando a tecer nossa prosa sobre infâncias, meio ambiente, rio Doce e Literatura, destacamos os gêneros textuais literários: grupos de textos que compõem nas infâncias pela sonoridade, jogo de palavras, provocando crianças a imaginarem outros tempos e lugares.

A criança, antes mesmo de ingressar na escola, já teve algum contato com diferentes gêneros textuais presentes no seu cotidiano, por isso é importante que a escola valorize as experiências prévias com a leitura e fique atenta para propiciar outras por meio de diferentes gêneros textuais de forma que a criança não sinta a leitura como uma tarefa obrigatória.

A literatura na perspectiva da multiplicidade cultural é provocadora da interlocução da criança com o meio onde ela vive, fazendo-a experienciar sentimentos:

É ouvindo histórias que se pode sentir também emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo



3 Mantivemos o nome das crianças nos poemas reconhecendo a autoria. Os poemas foram autorizados para compor o caderno.



o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995. p. 17).

A literatura leva as crianças para outros “mundos”, está sempre a serviço do pensamento, amplia os horizontes da cultura e do conhecimento, possibilita reformulação de questões importantes, questões que passam a fazer parte da sua vida, como podemos ler no poema:

A tragédia de Mariana

No dia 05 de novembro de 2015
Algo ruim aconteceu
Com a forte chuva que caía
A barragem de Fundão arrebentou e desceu.

Desceu muita lama
E foi passando por muitas cidades
Enquanto ela passava
Desesperados toda gente ficava.

Essa lama matou muitos animais
Muitas pessoas e separou muitas famílias
Deixando todos sem moradias.

A lama passou por Governador Valadares
Poluindo ainda mais o nosso Rio Doce
Continuou descendo chegando até o mar.

No dia 05 de novembro de 2016
Lembramos com tristeza
Que um ano isso se fez
E que nada ainda foi feito
A esse respeito.

Precisamos de uma ação urgente
Par ver o nosso rio limpo novamente.

Betina Souza Costa – (2016)

O rompimento da barragem de Fundão, em 2015, causou enormes danos às pessoas e ao meio ambiente, e, principalmente, aos municípios que foram atingidos pela lama de rejeitos. Governador Valadares foi um dos municípios atingidos e a situação comoveu adultos e crianças, pois o rio Doce, que abastece a cidade, foi completamente atingido pela lama. Os poemas de Eloá e Betina contam essa história, como elas experienciaram e externaram esse evento, o que nos leva a considerar que as escolas promoveram espaço de escuta, de conversas, de diálogos, propiciando às crianças a leitura, não só de palavras, mas do seu contexto social.



Foram e sempre serão tempos propícios para refletirmos sobre a função social de escritores (as) que buscam estabelecer relações entre suas obras e o meio em que vivem, pois é função da literatura retratar realidades, falar da sociedade, de humanos e não humanos, de modo a provocar reações específicas no leitor, como emoção e reflexão, além de aumentar seu conhecimento de mundo.

Passados 6 anos do rompimento da barragem, as produções das crianças ainda trazem marcadores temporais que dialogam com o nosso presente e proporcionam inúmeras reflexões sobre os danos que esse rompimento, cujo desastre se encontra em curso, causou ao rio, às pessoas e ao meio ambiente. Convidamos você a conferir outro poema, escrito por uma criança de 8 anos de outra escola privada da cidade, em uma atividade sobre sustentabilidade e ambiente:

Meu Rio Doce

O meu Rio Doce era limpo
O que aconteceu?
Por que está assim?
Parece que morreu.

As águas já mataram a sede
As águas já mataram a fome
Hoje ninguém bebe
Hoje ninguém seus peixes come.

Mas se Deus ajuda
Ele ajudará o homem a se conscientizar
Para parar de poluir
Ele ensinará o homem a não mais matar.

Helena Gusmão Vieira (2020).

Emoções, fruição, sentimentos... a essência da poesia materializada em palavras, em forma de poema. Vejam quantos fios são tecidos pelas palavras entretecidas pela emoção, pelo pulsar do corpo, pelas imagens mentais que nos evocam, nos fazendo alçar voos sem tirarmos os pés do chão.

A literatura é, pois, uma força potente que aproxima o indivíduo da percepção de si e do mundo, desperta o encantamento, conecta pensamento e linguagem... tecendo palavras tecemos os fios da vida, texto que é tecido em conjunto com outras vidas, na escola, em casa, no bairro, na cidade... textos tecidos por crianças em interação com seus pares, crianças e adultos, nos mais diversos espaços da vida social, pois é nela que se inscreve e se tece a trama da humanidade.

Pela literatura é possível experienciar, sentir, anunciar e denunciar, como nos mostram os poemas do Ziraldo, do Manoel de Barros e das crianças em suas conversas com rios e com o rio Doce.



outras prosas

Para continuarmos a tecer o fio da nossa prosa com as crianças, com o meio ambiente e o rio Doce, compartilhamos outras experiências e leituras que fomos conhecendo em nossa trajetória junto às infâncias:

TERRITÓRIO DO BRINCAR

O projeto Território do Brincar dirigido pelos documentaristas Renata Meirelles e David Reek, apresenta a presença do brincar em diferentes culturas, mostrando a potencialidade desse fazer-ser-estar que é o brincar. O projeto é um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, pesquisa, registro e difusão da cultura infantil, em parceria com o Instituto Alana. Os documentaristas visitaram comunidades rurais, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral, na intenção de revelar o Brasil a partir do olhar das crianças brasileiras por meio do Brincar.

O Território do Brincar olhou para as crianças fora do contexto escolar em diferentes comunidades, buscando compreender como elas vivenciam suas infâncias, brincam e se expressam quando estão em liberdade e são as protagonistas das narrativas que criam e das experiências que vivem. Através desse projeto, percebemos a pluralidade de culturas e das infâncias, como as crianças se expressam através do brincar e nas relações que se estabelecem com seus pares, adultos e com o meio no qual estão inseridas.

Um dos parceiros do Projeto trouxe uma afirmativa dizendo que o Território do Brincar mostrou que “tem escola lá fora, tem escola na praça, na beira do mar, embaixo da árvore (...). O Território nos mostrou a escola da vida.” (MEIRELLES, 2015, p.14) Acrescentamos dizendo que, o Território do Brincar nos mostra que tem escola no rio também.

Acesse o site e saiba mais sobre esse projeto: <https://territoriodobrincar.com.br/o-projeto/>

PESQUISA “OS RETRATOS DA LEITURA”: CRIANÇAS LENDO MAIS!

A “Retratos da Leitura no Brasil” passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) a partir da segunda edição, em 2007, e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

Os resultados divulgados em 2020 apontam um crescimento maior de leitores na faixa etária de 5 a 10 anos. Você pode conferir a pesquisa completa no site: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>

LIVROS INFANTIS PARA FORMAR ADULTOS COM CONSCIÊNCIA AMBIENTAL:

O MENINO DO RIO: Numa linguagem que é poesia e prosa ao mesmo tempo, Ziraldo conta a vida de dois personagens - um menino e um rio. O livro, do escritor e cartunista mineiro, de Caratinga, recebeu o Prêmio Ofélia Fontes “O Melhor para Criança”, Prêmio “O Melhor Projeto Editorial” e Prêmio Revelação Ilustrador pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ 1996.



A indicação de outros livros, de autores e autoras como Monteiro Lobato e Ruth Rocha, você conferir no site: <https://lunetas.com.br/livros-consciencia-ambiental>

BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA CRIANÇAS

Conforme os pequenos crescem, a literatura infantil passa a cumprir ainda mais papéis, colaborando com o processo de alfabetização, auxiliando no momento de abordar assuntos complexos e de entender as emoções, por exemplo. Com a tecnologia cada vez mais inserida no cotidiano das crianças, outro recurso que entra em cena são os livros online, possibilitando até mesmo uma leitura mais interativa e divertida, com animações, vídeos e outras ilustrações!

Você pode ler a reportagem completa e os benefícios da leitura para as crianças no site: <https://leiturinha.com.br/blog/literatura-infantil/>

BIBLIOTECA DIGITAL DO ICMBIO

Para ampliar o repertório de leituras relativas à educação ambiental, sugerimos que naveguem pela biblioteca virtual do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO, e acessem as publicações infanto-juvenis, que são potentes aliados da divulgação científica. Um desses livros é o “Livro vermelho das crianças”, que foi organizado a partir de uma lista de animais ameaçados de extinção. Confira lá! Baixe o material e aproveite a leitura!

<https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/biblioteca/publicacoes-infanto-juvenis.html>

E-BOOK DE POEMAS AUTORAIS DAS CRIANÇAS

As turmas do 3º ano do Colégio Franciscano Imaculada Conceição (CFIC) de Governador Valadares trabalharam ao longo de 2020 o Projeto: Laços de afeto, Convite para um Mundo Novo, que culminou na produção de um livro de poemas. Com muita criatividade e emoção, os poemas transmitem o olhar das crianças para as questões relacionadas ao lixo, ao cuidado com o meio ambiente, com o rio e com os animais. Confiram os poemas e ilustrações das crianças em: <https://www.cfimaculadaconceicao.com.br/2019/12/producoes-literarias.html>

FILMES INFANTIS QUE ABORDAM A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Paola Rodrigues é escritora, roteirista e mãe, ela lista filmes infantis que tratam do tema da preservação ambiental. Que tal preparar a pipoca para a sessão cinema com a criançada?

<http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/sete-filmes-infantis-que-abordam-consciencia-e-conservacao-ambiental/>



amarrando a prosa

Caro(a) leitor(a), chegamos ao final deste caderno depois de tecer conversas que poderão suscitar outros diálogos com as crianças. Vale ressaltar a importância das conversas das crianças com o meio ambiente, pois assim elas irão (re)construindo seu sentimento de pertença com o lugar, de valoração e cuidados ambientais.

No fio da prosa que tecemos trouxemos as crianças, o brincar, a arte, a corporeidade, a literatura, como possibilidades de ricas conversas com o rio Doce e o ambiente. Nas vivências que relatamos trouxemos um recorte temporal que provoca a reflexão sobre o rio, antes e depois do rompimento da barragem de Fundão. Esses recortes nos mostram diferentes modos de vivenciar o ambiente, com experiências marcadas pelo sentimento de afeto, topofílicas, mas também de apreensão e insegurança, que são relações topofóbicas, como nos explica o geógrafo Yi Fu Tuan, nas quais o ambiente se torna ameaçador.

As experiências que relatamos brotam das nossas andanças como profissionais das infâncias e da interlocução do curso de Pedagogia da Univalde com as escolas de educação básica que se abrem como campo de estágio do curso. Agradecemos a Rede Municipal de Educação de Governador Valadares, a Escola da Gente e ao Colégio Franciscano Imaculada Conceição, que contribuiram para tecermos essa prosa. Trouxemos um desenho, criado por um dos autores deste caderno, que é convite a outras teceduras... Vamos continuar a tecer?



Figura 9: Colcha de retalhos (desenho autoral). Fonte: Arquivo pessoal de um dos autores (2020)



referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Spicione, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n.º 02, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília: MEC, 2012.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. In: **Educação, Sociedade e Culturas**, n.º 17, 2002, p. 113-134
- GANDINI, Leila. et al. **O papel do ateliê na educação infantil: A inspiração de Reggio Emilia**. 1ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GOLDSCHMIED, Elinor.; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MEIRELLES, Renata (Org.) **Território do Brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.
- SANTOS, Imoyra Rodrigues dos. **A autonomia na infância: um diálogo com as vivências no atelierismo**. 2020. 17 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2020.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.



SOBRE OS (AS) AUTORES(AS):

Karla Nascimento de Almeida

Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE (2012). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - (2015). Mestre em Gestão Integrada do Território pela UNIVALE (2018). Atualmente é professora e coordenadora do curso de Pedagogia da UNIVALE. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos - UNIVALE.

Valdicélio Martins dos Santos

Graduado em Pedagogia, Arte-Educador, Mestre em Gestão Integrada do Território (GIT) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), doutorando em Educação (UFMG), docente do curso de Pedagogia da UNIVALE. Professor formador do projeto de extensão “Anjos da Alegria” e do projeto “Teatro Universitário” da UNIVALE. Doutorando do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos - UNIVALE.

Elizabete Aparecida de Carvalho

Graduada em Letras pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Mestre em Educação e Docência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Língua Portuguesa pela Fundação Educacional de Caratinga. Especialista em Administração, Supervisão e Orientação - Gestão Educacional pela Universidade Castelo Branco. Especialista em Educação Especial e Inclusiva, em Atendimento Educacional Especializado -AEE e Educação Inclusiva e em Educação Integral pela Faculdade Futura. Docente do curso de Pedagogia da UNIVALE.

Alessandra Amaral Ferreira

Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Rio Doce (2008). Mestre em Gestão Integrada do Território. Especialização em: Psicopedagogia (IMES), Ensino em Artes Visuais (UFMG), Gestão Educacional/ Inspeção, Supervisão e Direção Escolar (IMES), Educação Especial e Inclusiva (FAVENI). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e formação de professores, curso profissionalizante Magistério. Atualmente atua como Diretora Escolar na rede municipal de Governador Valadares.

Imoyra Rodrigues dos Santos

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE - 2020). Tem experiência como bolsista de iniciação à docência pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UNIVALE/CAPES, Subprojeto: Educação Ambiental) e experiência como monitora na Educação Infantil. Seus interesses de pesquisa incluem os seguintes temas: Educação Infantil, Sociologia da Infância, Protagonismo Infantil e Atelierismo.



